

CECÍLIA MEIRELES: UMA LEITURA DE **VIAGEM** E **SOLOMBRA**

Helen Ferreira Nunes*

Resumo

Podemos encontrar na história de vida de Cecília Meireles vários elementos que caracterizam sua poesia e, em particular, o elemento da ausência ou da perda, expressa através da memória registrada em seus poemas. Percebemos que, em sua obra, o tema da ausência vai além da perda de pessoas; trata-se de uma ausência que é transmitida a lugares, tempos e até mesmo ao próprio eu. Teremos como aporte teórico a contribuição de Darcy Damasceno e João Adolfo Hansen. Esta leitura abarcará a passagem do teor mais sensorial e concreto de **Viagem** a um teor mais abstrato e metafórico de **Solombra**, a elaboração da linguagem e a estrutura da composição poética.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Leitura. Poesia.

CECÍLIA MEIRELES:

A READING OF VIAGEM E SOLOMBRA

Abstract

We can identify in Cecilia Meireles' life some elements that characterize her poetry and in particular the element of absence or loss, expressed through the registered memory in her poems. We realized that in her work the theme of absence goes beyond the loss of people; it is an absence transmitted to places, times, and even the absence of herself. We as theoretical support the contribution of Darcy Damasceno and João Adolfo Hansen . This reading will cover the passage of more sensory and concrete content of Viagem to a more abstract and metaphorical content of Solombra, the development of language and the structure of poetic composition.

Keywords: Cecilia Meireles. Reading. Poetry.

Recebido em: 21/02/2017 Aceito em: 04/05/2017

^{*} Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre em Letras.



Viagem

Elementos como a ausência e a memória são marcantes na obra poética de Cecília Meireles e, por isso, merecem atenção especial no rol das temáticas desenvolvidas por ela ao longo de sua jornada literária. Observaremos como essas temáticas aparecem em Viagem [1939[/(2001)] e Solombra [1963]/(2001), um dos primeiros e o último livro de poesias líricas da poeta. Viagem se caracteriza por um teor mais sensorial e concreto enquanto Solombra é marcado por uma linguagem mais metafórica e abstrata.

Lançado em 1939, Viagem marcou a poética de Cecília Meireles, que anteriormente havia escrito Espectros (1919), Nunca Mais... e Poema dos Poemas (1923), Baladas para El-rei (1925), Cânticos (1927), A Festa das Letras (1937) e Morena, pena de amor (1939). De acordo com Darcy Damasceno (1967, p. 20), "Viagem vale pela revelação definitiva de uma natureza artística em sua plenitude e de um estilo poético em seu ponto de perfeição". Para ele, Viagem traz, em seus motivos, a busca por uma lição de vida, marcada por reflexões e sustentada por exigente filosofia. O espírito atento da poeta busca nos detalhes cotidianos a sua reflexão, o repouso ou a agitação em que nasce a poesia. Viagem é composto por cem poemas e traz, em seu conjunto, o maior número reunido de epigramas, cujos temas são reflexões sobre o tempo, a felicidade, a ressurreição e o sentimento de vazio causado por alguma perda.

Iniciaremos o livro **Viagem** com um poema que traz a temática da ausência em relação ao ser amado, em seguida apresentaremos dois epigramas, a fim de observarmos as temáticas propostas por eles e logo após nos deteremos em poemas que possuem como temática o tempo e a memória.

No poema "Perspectiva" encontram-se características que podem representar a ausência do ser amado demonstrado pelas metáforas sobre a perda daquele que se foi. O momento da rememoração ganha força ao trazer para o presente da enunciação o que se encontra na distância antiga do tempo:

Tua passagem se fez por distâncias antigas. O silêncio dos desertos pesava-lhe nas asas e, juntamente com ele, o volume das montanhas e do mar.

Tua velocidade desloca mundos e almas. Por isso, quando passaste, caiu sobre mim tua violência e desde então alguma coisa se aboliu.

Guardo uma sensação de drama sombrio, com vozes de ondas lamentando-me, e a multidão das estrelas avermelhadas fugindo com o céu para longe de mim.

Os dias que vêm são feitos de vento plácido e apagam tudo. Dispersam a sombra dos gestos sobre os cenários. Levam dos lábios cada palavra que desponta. Gasta o contorno da minha síntese. Acumulam ausência em minha vida...



Oh! um pouco de neve matando, docemente, folha a folha...

Mas a seiva lá dentro continua, sufocada, nutrindo de sonho a morte. (MEIRELES, 2001, p. 238-239).

"Perspectiva" é um poema em que encontramos um marco divisor de dois momentos do eu poético. A passagem do tu é o que divide tais momentos, como podemos perceber através dos versos "Por isso, quando passaste, caiu sobre mim tua violência / e desde então alguma coisa se aboliu." As metáforas "distâncias antigas" e "silêncio dos desertos" possuem uma dimensão espacial que demonstra o tempo decorrido e a solidão que passou a imperar a partir da passagem do tu pelo eu. Os versos finais da primeira estrofe - "O silêncio dos desertos pesava-lhe nas asas / e, juntamente com ele, o volume das montanhas e do mar" – pode significar o peso da vida que o tu carregava, o que é transmitido através das metáforas deserto, o volume das montanhas e do mar, que podem dar um aspecto de vastidão do peso que ele carregava sobre os ombros, ou sobre as asas. Os versos "Os dias que vêm são feitos de vento plácido e apagam tudo. / Dispersam a sombra dos gestos sobre os cenários. / Levam dos lábios cada palavra que desponta. / Gasta o contorno da minha síntese. / Acumulam ausência em minha vida..." parecem demonstrar a passagem do tempo pela vida do eu poético, que vai levando toda memória para o passado, o tempo desfaz os cenários, apaga as palavras e acumula as ausências na vida do eu poético. O que fica dessa passagem são as sensações, e o que poderia ser memória passa junto com o vento que leva para o esquecimento. O esquecimento leva dos lábios as palavras e acumula ausência no eu. Os invernos passam levando o que poderia ser memória para o mais profundo esquecimento.

Vejamos a temática de dois epigramas. O de nº 7 traz uma reflexão sobre a diferença entre dois mundos aparentemente opostos representados pela "raça" que quer conquistar o mundo e aquela que não se adapta a ele:

Epigrama nº 7

A tua raça de aventura quis ter a terra, o céu, o mar.

Na minha, há uma delícia obscura em não querer, em não ganhar...

A tua raça quer partir, guerrear, sofrer, vencer, voltar.

A minha, não quer ir nem vir. A minha raça quer *passar*. (MEIRELES, 2001, p. 272).



O epigrama acima, composto por quatro dísticos com rimas alternadas, traz em seu tema o desinteresse pelas coisas mundanas, em que o eu poético adota o ponto de vista de outra "raça" não material, incorporando uma cosmovisão diferente da adotada pelo tu. Há alternância entre eu e tu nos dísticos, sugerindo a diferença ideológica entre ambos, a "raça" do tu é aquela que compete e deseja, enquanto a "raça" do eu quer simplesmente passar, não deseja nada para si, é indiferente às coisas que o circundam. Não podemos deixar de apontar que o desapego material é uma das características da filosofia hindu, pela qual Cecília Meireles possuía maior aproximação. Neste sentido observamos que a indiferença expressa pelo eu poético pode fazer referência ao desapego que influenciou a espiritualidade da poeta. O último dístico "A minha, não quer ir nem vir. / A minha raça quer *passar*" ilustra a indiferença, o desinteresse do eu lírico intensificado pelo itálico na palavra "passar".

Já no Epigrama nº 2 vemos como o tempo aparece na trajetória de Cecília Meireles, quando o sujeito poético estabelece o vínculo entre a marcação do tempo e a felicidade, ou a ausência desta:

És precária e veloz, Felicidade. Custas a vir, e, quando vens, não te demoras. Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo, e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa. Fizeste para sempre a vida ficar triste: porque um dia se vê que as horas todas passam, e um tempo, despovoado e profundo persiste. (MEIRELES, 2001, p. 234).

O poema, dividido em dois quartetos, ganha velocidade pela presença das consoantes fricativas /v/ e /f/ e pelas sílabas nasalizadas que instituem o prolongamento dos versos. Isso promove uma indicação de que o tempo não se demora naquilo que traz a felicidade. Notemos também que o tu, aqui, é representado pela personificação da Felicidade, escrita em maiúscula, a quem o sujeito poético se dirige em discurso direto. Há rimas no segundo e quarto versos de ambas as estrofes.

No "Epigrama nº 7", o eu poético se identifica como pertencente a uma "raça" diferenciada das demais, uma "raça" que demonstra indiferença às coisas deste mundo. Já no "Epigrama nº 2", o eu poético estabelece a relação entre a felicidade e a passagem do tempo. Em ambos os epigramas podemos observar a presença da efemeridade: no "Epigrama nº 7" representado pela "raça" que somente deseja passar; e no "Epigrama nº 2", representado pelo tempo que naturalmente passa levando a felicidade.

De acordo com Darcy Damasceno, os primeiros livros da lírica de Cecília Meireles trazem maior recorrência sensorial. No poema "Anunciação" podemos ver de que modo a memória é despertada através de sensações auditivas; temos um exemplo de como a música consegue trazer à tona imagens fragmentadas de um tempo remoto:



Toca essa música de seda, frouxa e trêmula que apenas embala a noite e balança as estrelas noutro mar.

Do fundo da escuridão nascem vagos navios de ouro, com as mãos de esquecidos corpos quase desmanchados no vento.

E o vento bate nas cordas, e estremecem as velas opacas, e a água derrete um brilho fino, que em si mesmo logo se perde.

Toca essa música de seda, entre areias e nuvens e espumas.

Os remos pararão no meio da onda, entre os peixes suspensos; e as cordas partidas andarão pelos ares dançando à toa.

Cessará essa música de sombra, que apenas indica valores de ar. Não haverá mais nossa vida, talvez não haja nem o pó que fomos.

E a memória de tudo desmanchará suas dunas desertas, E em navios novos homens eternos navegarão. (MEIRELES, 2001, p. 229).

"Anunciação" é um poema composto por sete estrofes, sendo dísticos as três primeiras e as três últimas, separados por um verso único. O título pode indicar a música que o rito católico toca para anunciar a hora do *Angelus* e a proximidade da noite. Da escuridão da memória surgem navios de ouro e corpos quase desmanchados no vento. No verso que separa dois dísticos temos as palavras "areias", "nuvens" e "espumas", que sugerem a efemeridade e a transitoriedade daquilo que se esvai, possuem "valores de ar", como é dito no poema. Este poema é imagético, cujos fragmentos de imagens são construídos de metáforas marinhas, remetendo-nos a uma embarcação em alto mar. O título pode ser também a anunciação do fim, pois o poema é construído, nas quatro primeiras estrofes, no tempo presente do indicativo e, nas três últimas, no tempo futuro; o que indica que o que é presente no momento atual da enunciação será passado quando o futuro chegar.

Já o poema "Excursão" (MEIRELES, 2001, p. 230-231) nos leva a uma viagem no tempo, em que podemos perceber que o presente reconstrói as memórias de um passado, mesmo que o eu poético se encontre um pouco alheio a essa reconstrução. Nele encontramos elementos sensíveis à lembrança do eu poético, elementos que ficaram impregnados, como que colados à essência, para que no momento exato pudessem ser trazidos de volta ao presente. Este poema, constituído por seis sextilhas, pode ser lido como um retorno a um passado pela via do presente:

Estou vendo aquele caminho cheiroso da madrugada: pelos muros, escorriam flores moles da orvalhada; na cor do céu, muito fina, via-se a noite acabada. (MEIRELES, 2001, p. xx).



"Estou vendo aquele caminho" está no presente do indicativo, o que nos permite constatar que o eu parte do presente para buscar o passado. O verbo "escorriam" do verso "pelos muros, escorriam / flores moles da orvalhada" parece indicar que o eu retorna ao passado para fazer significar o presente da enunciação. O passado passa diante dos seus olhos e as sensações que trazem são múltiplas, o cheiro da madrugada, as flores moles, a cor fina do céu. Nesta estrofe percebemos a forte presença da natureza através dos elementos flores, céu, noite, o que nos remete aos estudiosos Darcy Damasceno e Leila V.B. Gouvêa, que apontaram a presença da natureza como elemento marcante na poesia ceciliana. Os sentidos estão representados pela visão (estou vendo), pelo olfato (caminho cheiroso) e pelo tato (flores moles). Na estrofe seguinte temos:

Estou sentindo aqueles passos rente dos meus e do muro. As palavras que escutava eram pássaros no escuro... Pássaros de voz tão clara, voz de desenho tão puro! (MEIRELES, 2001, p. xx).

Os dois primeiros versos da segunda estrofe partem da mesma perspectiva dos dois primeiros versos da estrofe anterior, o tempo presente. Em seguida, o verbo "escutar", do verso "as palavras que escutava / eram pássaros no escuro", novamente faz a recorrência ao passado, de onde é transportado ao presente o material da memória. Temos algumas rimas alternadas, como muro/escuro/puro e, além disso, encontramos a sinestesia nos elementos de "voz tão clara", e de "voz de desenho tão puro". Temos o sentido da audição representado pelos versos "as palavras que escutava" e "pássaros de voz tão clara". Na próxima estrofe encontramos elementos secos, duros e elementos fluidos:

Estou pensando na folhagem que a chuva deixou polida: nas pedras, ainda marcadas de uma sombra umedecida... Estou pensando o que pensava nesse tempo a minha vida. (MEIRELES, 2001, p. xx).

A expressão "estou pensando" nos localiza no presente, de onde se enxerga a folhagem que a chuva deixou polida e, nos últimos versos, de onde se busca lembrar o que pensava no passado. O elemento pedra se opõe semanticamente ao elemento chuva, pois o duro da pedra se opõe ao macio da chuva; e, além disso, podemos observar como o elemento etéreo "sombra" conseguiu deixar marcas nas pedras. Isso nos leva a observar que mesmo as coisas imutáveis, duras, como é o caso da pedra, podem ser mudadas ou marcadas pelo encontro de um elemento etéreo, como a sombra. Na quarta estrofe, a volta ao passado é marcada pela dúvida de não saber mais se o lugar que rememora ainda existe:



Estou diante daquela porta que não sei se ainda existe...
Estou longe e fora das horas sem saber em que consiste nem o que vai nem o que volta... sem estar alegre nem triste (MEIRELES, 2001, p. xx).

Os dois primeiros versos também partem do presente, porém o segundo verso demonstra dúvida de saber se a situação permanece a mesma, se a porta ainda existe. O eu lírico se encontra fora, distante do mundo real. Estar longe e fora das horas pode significar que o tempo passado se fundiu ao presente, mesmo que a marcação dos tempos pareça fixa. Podemos perceber certa indiferença que o eu lírico demonstra com relação ao tempo e ao espaço, já que não sabe "nem o que vai nem o que volta...". O último verso "sem estar alegre nem triste" está presente em "Motivo" (Viagem) – "não sou alegre nem sou triste: / sou poeta" – em que o conceito de poeta é formado no momento da enunciação. A correspondência com o verso de "Motivo" parece indicar que "Excursão" também pode ser interpretado como metalinguístico. Além disso, este poema pode ser lido como uma representação do sentimento de ausência derivado da perda das experiências do passado, já que o eu lírico volta a ele, mesmo que não demonstre desejo de reencontrar o que lá deixou, como se lê nas duas últimas estrofes:

sem desejar mais palavras nem mais sonhos, nem mais vultos, olhando dentro das almas os longos rumos ocultos, os largos itinerários de fantasmas insepultos...

- itinerários antigos, que nem Deus nunca mais leva. Silêncio grande e sozinho, todo amassado com treva, onde os nossos olhos giram quando o ar da morte se eleva. (MEIRELES, 2001, p. xx).

Em todas as estrofes de "Excursão" podemos observar que as rimas alternadas se dão nos 2°, 4° e 6° versos. Além disso, a composição é toda em redondilha maior, o que formalmente facilita a musicalidade da poesia. O título "Excursão" pode sugerir uma volta ao passado, às memórias, e os primeiros versos de cada estrofe parecem nos indicar essa volta: "Estou vendo aquele caminho / cheiroso da madrugada", na próxima estrofe "Estou sentindo aqueles passos / rente dos meus e do muro", em seguida "Estou pensando na folhagem / que a chuva deixou polida:". Os verbos "vendo", "sentindo", "pensando" podem ser vistos como válvulas que ativam a memória guardada pelo eu poético.



ALIEN ELBBEIBU NIINER

Nos poemas cecilianos, há recorrências de um passado que retorna ao presente. O poema "Valsa" focaliza o olhar do eu lírico para o passado, o olhar que conhecia o objeto e o reconhece no presente por um vento que passa trazendo a lembrança do mesmo objeto hoje perdido. É um poema dividido em três estrofes de quatro versos cada uma, sem rima e alternando versos longos e breves, do qual transcreveremos a primeira e a última estrofe:

Fez tanto luar que eu pensei nos teus olhos antigos e nas tuas antigas palavras.

O vento trouxe de longe tantos lugares em que estivemos, que tornei a viver contigo enquanto o vento passava. (MEIRELES, 2001, p. xx).

O eu lírico volta a viver com o tu as lembranças de um tempo que não existe mais. O termo reiterado em "antigos olhos" e "antigas palavras" retoma o significado de passado, de nostálgico. Contudo o poema é finalizado com a noção de que o tempo muda aquilo que fica, alterando a realidade das coisas perenes:

Coitado de quem pôs sua esperança nas praias fora do mundo... -- Os ares fogem, viram-se as águas, mesmo as pedras, com o tempo, mudam. (MEIRELES, 2001, p. 262)

A pedra simboliza o que é duro, o que inicialmente parece imutável, mas o tempo, com sua característica de ser aquele que passa, aquele que leva tudo para o passado e que traz de volta ao presente, possui a capacidade de mudar até o que parece imutável. No poema "Excursão", analisado anteriormente, temos nos versos "nas pedras, ainda marcadas / de uma sombra umedecida..." uma característica similar ao do tempo representada pela sombra que marca a pedra, demonstrando que aquilo que é duro, sólido, pode ser marcado por algo efêmero como a sombra.

Os poemas de **Viagem** trazem, como já havia comentado Darcy Damasceno, temas como a efemeridade, a brevidade da vida e a incompreensão humana. Mas buscamos aqui apontar traços que mostram como a memória pode ser um lugar visitado através de sentidos, como a visão e a audição; além de apresentar a ausência causada pela perda de entes queridos e o sentimento de ausência derivado da perda das experiências do passado.

SOLOMBRA

Solombra é o último livro de poesia lírica publicado por Cecília Meireles, pouco tempo antes de sua morte. É composto por vinte e oito poemas não intitulados, que podem ser lido



ALIEN ELBBEIBU NIINER

aleatoriamente, pois cada poema possui características independentes, ou pode ser lido em sequência, apresentando dessa forma a possibilidade de diálogo temático entre os poemas. A estrutura de todos os poemas de **Solombra** são quatro tercetos e um verso solto no final, o estrambote. Eles são construídos sob a forma de versos alexandrinos e, como nos aponta João Adolfo Hansen, em seu ensaio "Solombra ou a sombra que cai sobre o eu", publicado no ano de 2007, nos 5°, 8° e 25° poemas os versos são decassílabos.

Temas tratados em **Viagem** são encontrados em **Solombra**, porém Darcy Damasceno, que identifica o começo da mudança em certos aspectos na poesia ceciliana a partir de **Mar Absoluto**, afirma que a obra de Cecília irá modificar-se no sentido de uma depuração do envolvimento sensorial. Os traços que caracterizam este novo movimento poético seriam: o culto da beleza imaterial, a preferência pela abstração, o desapego do ambiente real, a dissimulação do lirismo, a predominância de motivos musicais e pictóricos. Verifica-se então a desvinculação do sensível para a fixação no intelectual. Nas palavras de Darcy Damasceno (1967, p. 137): "A realidade exterior, que sempre oferecera a Cecília Meireles os elementos de sustentação metafórica, foi quase banida de **Solombra**, dando lugar a uma dolorosa reflexão que se eleva em cântico de aspiração à eternidade". O ponto máximo da depuração sensorial é, portanto, **Solombra**, cuja linguagem se torna mais abstrata, refinando a elaboração imagística e assim aprofundando seus temas centrais, assim elencados pelo crítico:

(...) a consideração do mundo em fluxo contínuo, a casualidade da existência e sua sem-razão de ser; a aceitação melancólica da condição humana; a sobrevivência, precária, pelo canto; a ânsia de encontrar resposta às indagações transcendentais; o alheamento da vida e a imersão no sonho ultraterreno; a expressão do arrebatamento e êxtase místico. (DAMASCENO, 1967, p. 138).

Iniciaremos Solombra partindo do primeiro poema que abre o livro "Vens sobre noites sempre. E onde vives? Que flama", que trata do tema da ausência. Em seguida, passamos ao poema "Sobre um passo de luz outro passo de sombra", em que veremos como a memória do eu lírico é construída a partir da tensão existente entre a memória e a imaginação e, logo após, analisaremos o poema "Há mil rostos na Terra: e agora não consigo", buscando os mesmos efeitos desta tensão. Já no poema "Dizei vosso nome! Acendei vossa ausência", observaremos a construção do tempo na poética de Solombra, neste caso, o olhar do eu lírico para o passado. O primeiro poema que abre o livro traz no elemento da água o poder de levar todos encontros para a ausência. João Adolfo Hansen explica, em seu ensaio sobre Solombra, que a ausência seria o cume ao qual os poemas chegam.

Vens sobre noites sempre. E onde vives? Que flama pousa enigmas de olhar como, entre céus antigos, um outro Sol descendo horizontes marinhos?

Jamais se pode ver teu rosto, separado de tudo: mundo estranho a estas festas humanas, onde as palavras são conchas secas, bradando

a vida, a vida, a vida! e sendo apenas cinza.



E sendo apenas longe. E sendo apenas essa memória indefinida e inconsolável. Pousa

teu nome aqui, na fina pedra do silêncio, no ar que frequento, de caminhos extasiados, na água que leva cada encontro para a ausência

com amorosa melancolia. (MEIRELES, 2001, p.1263).

Podemos perceber que neste poema ocorre o cavalgamento (enjambement), que consiste na separação dos versos em discordância com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas em um grupo fônico. O enjambement ocorre tanto entre versos de uma mesma estrofe quanto entre diferentes estrofes. O primeiro verso do poema é uma afirmativa "vens sobre noites sempre", separado por uma cesura que precede à interrogativa "e onde vives?". Essa afirmativa precedida pela dúvida pode sugerir que, ao longo de toda leitura, o leitor se deparará com o constante não saber imerso a um terreno que pode parecer palpável. O tu a quem o eu lírico se dirige é uma incógnita, mas, de acordo com a análise feita por João Adolfo Hansen, esse tu corresponde à "memória indefinida e inconsolável", que vem assombrar o eu. De acordo com o crítico, neste momento o eu enuncia que a matéria de sua poesia é a memória do que está morto. Além deste aspecto do tu, de acordo com Hansen, há ainda uma cena básica encontrada em todos os poemas de Solombra, a da enunciação organizada no tempo presente do aquiagora da leitura, de onde o eu lírico constitui um "lá" no tempo passado como tempo de uma experiência de amor e beleza idos. A palavra enigma aparece nesta primeira estrofe precedendo "céus antigos" e "um outro Sol descendo horizontes marinhos", o que pode insinuar o enigma que circunda o universo antigo do passado e continua a circundar o universo do presente, já que "um outro Sol descendo" está no gerúndio.

Na terceira estrofe, o verso "a vida, a vida, a vida! e sendo apenas cinza" sugere uma falta de vibração, de alegria na vida, que ganha metaforicamente a cor cinza. Os termos "apenas longe" e "memória indefinida e inconsolável" podem remeter ao "lá", que Hansen explica como sendo o tempo passado, tempo de experiência e amor idos. A pedra aparece no verso "pousa // teu nome aqui, na fina pedra do silêncio" precedendo o termo abstrato "silêncio".

Darcy Damasceno explica a respeito de Solombra que é justamente a preposição "de" que liga comparativamente o termo concreto, no caso a pedra, à noção do abstrato. Dessa forma, o elemento concreto entra metaforicamente no poema para reforçar a noção abstrata deste. Damasceno exemplifica com as noções abstratas presentes em outros poemas "'chão de adeuses', 'superfícies de adeuses', 'campos de ausências', 'rios de espanto' (...)" (DAMASCENO, 1967, p. 138). A água, como elemento fluido, possui a função de conduzir todos os encontros para a ausência: "na água que leva cada encontro para a ausência". A ausência, neste verso, não está solta, mas sim ligada a um adjunto adverbial de lugar "para a ausência", o que pode significar que este é o lugar onde desemboca cada encontro levado pela água. O cenário marítimo está presente na primeira estrofe: "um outro sol descendo horizontes marinhos", em que o crepúsculo pode também remeter à ausência.



ALIEN ELBBEIBU NIINER

A construção da memória em **Solombra**, de acordo com Hansen, é significada a partir da imaginação. No vigésimo primeiro poema de **Solombra** – "Sobre um passo de luz outro passo de sombra" (MEIRELES, 2001, p. 1277) –, temos versos que podem ser compreendidos como a construção da memória sob os signos de vários fragmentos emergidos por ela:

Sobre um passo de luz outro passo de sombra. Era belo não vir; ter chegado era belo. E ainda é belo sentir a formação da ausência.

Nada foi projetado e tudo acontecido. Movo-me em solidão, presente sendo alheia, com portas por abrir e a memória acordada.

A acordada memória! esta planta crescente com mil imagens pela seiva resvalantes, na noite vegetal que é a mesma noite humana.

Vejo-me longe e perto, em meus nítidos moldes, em tantas viagens, tantos rumos prisioneira, a construir o instante em que direi teu nome!

Que labirintos bebem meu rosto? (MEIRELES, 2001, p. 1.277).

"Sobre um passo de luz outro passo de sombra" é construído a partir de oposições, como é o caso de luz/sombra, presente/alheia, longe/perto, entre outros termos. Neste poema temos uma metáfora em que a memória é descrita como uma planta que cresce "com mil imagens", e que é ativa e fragmentada. Essas mil imagens podem ser interpretadas como a impossibilidade de a memória se fixar, pois é lacunar, fragmentária. Os tempos verbais se misturam no decorrer do poema indicando mudança; no início temos o tempo passado "era belo não vir..."; em seguida, o presente "e ainda é belo sentir a formação da ausência"; e depois temos a construção do futuro "a construir o instante em que direi teu nome". E o último verso "Que labirintos bebem meu rosto?" traz a relação final do labirinto que se une à memória, que é, por ela mesma, labiríntica.

Temos também, nos versos de "Há mil rostos na Terra: e agora não consigo", um exemplo que comprova o que o João Adolfo Hansen propõe a respeito de uma tensão existente entre a memória e a imaginação em **Solombra**, e é até mesmo o que ele usa para elucidar tal questão:

Há mil rostos na Terra: e agora não consigo recordar um sequer. Onde estás? Inventei-te? Só vejo o que não vejo e que não sei se existe.

Esperamos assim. Por esperança, a espera vai-se tornando sonho afável; mas descubro no olhar que te procura uma névoa de orvalho.

Qualquer palavra que te diga é sem sentido. Eu estou sonhando, eu nada escuto, eu nada alcanço.



HILLH ELBBEIRD NINES

Quem me vê não me vê, que estou fora do mundo.

Lá, constante presença em memória guardada, percebo a tua essência – e não sei nem teu nome. E à tentação de tantas máscaras felizes

se opõe meu leal, nítido sangue. (MEIRELES, 2001, p. 1.264)

Neste poema temos a dúvida expressa pelo próprio eu lírico: se o que procura possui um rosto, uma forma, ou é inventado. No verso "só vejo o que não vejo e que não se se existe", temos uma antítese formada pela afirmativa de ver precedendo a negativa de não ver. A repetição do verbo esperar e do seu cognato esperança, na segunda estrofe, pode sugerir que o eu lírico nutre uma expectativa de desvendar o tu, talvez de encontrá-lo. Nos versos "Lá, constante presença em memória guardada, / percebo a tua essência – e não sei nem teu nome", podemos presumir que existia alguém, em algum lugar, talvez em outro "mundo", uma presença que se fixou pela constância, mas que no momento da enunciação se torna um mistério, pois nem mesmo o seu nome é revelado ao eu. Este "lá" pode ser entendido como o "lá" que Hansen nos apresenta, o lá que guarda o passado amado, distante e ausente. Nos dois últimos versos, há oposição semântica em "máscaras felizes" e "leal, nítido sangue". Podemos perceber que o eu lírico prefere estar neste lugar não nomeado no poema do que conviver com as "máscaras felizes". Nos versos "quem me vê não me vê, que estou fora do mundo", encontramos a distância que o eu lírico apresenta com relação ao mundo, essa mesma distância que encontramos nos versos de "Excursão", de Viagem: "Estou longe e fora das horas / sem saber em que consiste / nem o que vai nem o que volta... / sem estar alegre nem triste".

Já no poema "Dizei vosso nome! Acendei vossa ausência", o eu lírico se dirige ao tu questionando sobre o passado. O nome do tu esclareceria a ausência:

Dizei-me vosso nome! Acendei vossa ausência! Contai-me o vosso tempo e o coração que tínheis! De que matéria é feito o passado infrutífero?

Que lírico arquiteto arma longos compassos para a curva celeste a que os homens se negam? Dizei-me onde é que estais, em que frágil crepúsculo!

Minha pena é maior que o silêncio da vida. Não sei se tudo entendo: e nada mais pergunto. Assisto – amarga: recordando-me e esquecendo-me. Quem fostes vós? Quem sois? Quem vimos, nos lugares da vossa antiga sombra? E por quem procuramos? Que pretendem concluir impossíveis diálogos?

Longe passamos. Todos sozinhos. (MEIRELES, 2001, p. 1.279).



Este passado que pode ser feito dos frutos da imaginação é tido como infrutífero, talvez por ser inútil para trazer novamente aquele/aquilo que está perdido, ou que é desconhecido. Os versos "dizei-me vosso nome! Acendei vossa ausência!" sugerem essa esperança de reviver o perdido a partir do contato com o tu no presente da enunciação. A imagem do crepúsculo aparece novamente aqui "Dizei-me onde é que estais, em que frágil crepúsculo", como no poema "Vens sobre noites sempre. E onde vives? Que flama / pousa enigmas de olhar como, entre céus antigos, / um outro Sol descendo horizontes marinhos?", trazendo novamente o lugar labiríntico de uma memória que não atende ao apelo do eu. Na continuidade do mesmo poema, na terceira estrofe, o sofrimento se faz maior do que o silêncio, o silêncio da vida que não traz respostas, e sim, a vontade de não ser, de não saber, só observar, recordando e esquecendo. Na quarta estrofe, o eu se dirige ao tu questionando quem é, de onde veio, quem viram, nos lugares de sua antiga sombra. O eu se junta ao tu como se fossem antigos companheiros, que até mesmo procuravam por algo, "E por quem procuramos?" mesmo sem saber quem é o tu. O poema é finalizado com o verso "Longe passamos. Todos sozinhos", verso que é quebrado ao meio pelo ponto, que também é menor que os demais, sugerindo que a distância e a solidão imperam sobre o "eu". Aqui o eu não está mais em primeira pessoa questionando a respeito do tu como no primeiro verso "Dizei-me vosso nome! Acendei vossa ausência", mas sim em forma plural "Longe passamos. Todos sozinhos". Talvez isso possa sugerir que, mesmo que pareça que o eu possui alguma relação com o tu, que de alguma forma ele não seja mais singular e sim plural, no final, todos estão sós, passando ao longe como em uma imagem de uma rua com vários transeuntes que não se conhecem.

Solombra, com seus vinte e oito poemas, apresenta em seus temas a efemeridade, a transitoriedade, a brevidade da vida, o sentimento de ausência e distância, a temporalidade, o retorno ao passado, às memórias e a busca pela identidade; mesmos temas recorrentes em Viagem. Porém podemos perceber, em Solombra, uma forma de escrita mais abstrata, ainda mais metafórica que em Viagem. A forma com que o eu poético trabalha a memória é ainda mais enigmática, pois essa memória é tensionada com a ficção, com a imaginação.

Referências

DAMASCENO, Darcy. O mundo contemplado. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

GOUVÊA, Leila V. B. (Org.) Ensaios sobre Cecília Meireles. São Paulo: Humanistas, 2007.

GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e Lirismo Puro na poesia de Cecília Meireles**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HANSEN, João Adolfo. Solombra ou a sombra que cai sobre o eu. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). Ensaios sobre Cecília Meireles. São Paulo: Humanistas, 2007. p. 33-48.

MEIRELES, Cecília. Notícia Biográfica. In: MEIRELES, Cecília. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1972. p. 58.